

Representações da família romana na peça *O Mercador* de Plauto (séculos III-II A.E.C.)*Representations of the Roman family in Plautus' The Merchant (centuries III-II BCE)*Lais Felipe Lucon,¹ UNESP**Resumo**

Guiados pela compreensão das comédias plautinas como material que fornece informações sobre o meio familiar da República Romana, objetivamos uma análise das representações familiares dispostas na peça *O Mercador* (*Mercator*). A complexa formação da instituição familiar romana refletiu ideais pautados na assimetria das relações de poder dentro do lar, especialmente no que diz respeito à preeminência do *pater familias* – literalmente o pai de família. Alicerçados na perspectiva de gênero, percebemos como as referências de Plauto colocavam tipos sociais subalternos em posições e diálogos dominantes. Ao apresentar personagens subvertendo as normas familiares, a peça plautina realça seu caráter crítico ao expressar um contraste entre o idealizado e o real, delineando fronteiras expressivas entre o comum no lar e a construção nos moldes legais.

Palavras-chave: República Romana; Comédia plautina; Família; Relações de gênero.

Abstract

Guided by the knowledge that plautine comedy can be used as material that provide data about the familiar ambiance, we propose a study of the family representations arranged in the play *The Merchant* (*Mercator*). The complex formation of the roman family organization reflected ideals based in the asymmetry of power relations within home, especially concerning the primacy of *pater familias* – literally the family father. Grounded by gender perspective, we perceive how Plautus references place subaltern social types in dominant positions. By presenting characters subverting family norms, plautine play highlights its critical aspect as expresses a contrast between the idealized and the real, outlining expressive borders between what was common in the household and what was constructed along legal lines.

Keywords: Roman Republic; Plautine comedy; Family; Gender relations.

A compreensão do teatro plautino

Debruçar-se sobre a vida e as comédias de Plauto (c. 255/250 – 184 A.E.C.), cujo nome completo possivelmente seja *Titus Maccius Plautus*, significa entrar em questões contornadas por inferências e incertezas. Em linhas gerais, os escritos antigos o citam como *Plautus* e a tonalidade geral de suas informações biográficas têm pouco fundamento. Além disso, algumas noções parecem ser deduções baseadas no tratamento e na forma que dedicava sua escrita aos personagens de suas peças. Nesse sentido, as fontes históricas e seus roteiros o indicam “como

¹ Graduada como Bacharela e Licenciada pelo curso de História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Franca e pesquisadora integrante do Grupo do Laboratório de Estudos Sobre o Império Romano G. LEIR (UNESP/Franca). E-mail para contato: lais.lucon@unesp.br

alguém completamente familiarizado com as possibilidades que o palco oferece e imbuído de um espírito de entretenimento popular.” (HUNTER, 2010, p. 17).

Atribuíram ao seu nome, pelo menos, 130 peças que estavam circulando no século II A.E.C. – algo que estava em debate nos séculos II e I A.E.C. e jamais foi comprovado. Ainda que nunca tenha existido um consenso, vinte e uma foram as consideradas como composições plautinas na obra do escritor Aulo Gélío (125 – 180 E.C.), que transmitiu as considerações do polímata Marco Terêncio Varrão (116 – 27 A.E.C.) (PANAYOTAKIS, 2005, p. 134-135). De todo modo, 21 manuscritos das peças chegaram ao mundo contemporâneo, marcando a percepção de que os textos selecionados pela pesquisa de Varrão seriam, justamente, os transmitidos até nossos dias.

Dentre esses escritos, encontramos a comédia *O Mercador*², elencada para o presente artigo por seu acentuado caráter crítico. Nela, bem como em outras peças, identificamos marcas de um comediógrafo ativo em sua própria obra:

Carino – Eu não imitarei o que vi outros fazendo nas comédias, esses que, por força do amor, contam suas misérias para a noite ou o dia, ou ao sol ou à lua, esses que, muito pouco se importam, imagino, com as queixas humanas, seus gostos e desgostos.

O nome grego desta peça é *Emporos*, de Filémon; em latim, chamamo-la de *Mercator*, de *Maccius Titus* (Plaut., *Merc.*, v. 3-10)³.

Do trecho transcrito, apreendemos como Plauto, através do personagem Carino, assinala a origem grega da peça, associando o molde que utilizou à figura de Filémon. Assimilamos a atividade literária de Plauto inserida no movimento que adaptava peças gregas da Comédia Nova. O *Emporos* (ἔμπορος) do grego, assim como a grande maioria das peças da Grécia que foram transpostas para o latim, não sobreviveu até nossos dias. Ao considerarmos a dinâmica de adaptação do teatro plautino, destacamos como conseguimos mais solidez quando nos voltamos para o contexto histórico de Plauto. O arco temporal dos séculos III e II A.E.C., período ocasionalmente intitulado Média República, foi marcado pela contínua expansão romana sobre a Península Itálica e a região mediterrânica. Envolto pelos frequentes contatos externos, o mundo romano foi permeado por ideias absorvidas de suas relações conforme a

² Para esta análise, construímos nossa tradução baseada na edição bilingue de Paul Nixon (latim/inglês) da *Loeb Classical Library*, bem como na Dissertação de Damares Barbosa Correia (2007), denominada *O Mercador de Plauto: Estudo e Tradução*.

³ Charinvs: Non ego item facio ut alios in comoediis /vi vidi amoris facere, qui aut nocti aut die /aut soli aut lunae miserias narrant suas: /quos pol ego credo humanas querimonias /non tanti facere, quid velint quid non velint; /vobis narrabo potius meas nunc miserias. /graece haec vocatur Emporos Philemonis, /eadem Latine Mercator Macci Titi (v. 3-10).

aquisição de novos territórios (FLOWER, 2010, p. 26). Em face aos novos horizontes, uma questão fundamental que pairou por Roma concerniu no seu desenvolvimento frente à influência vinda da Grécia. Assim, diante desse cenário, o âmbito teatral floresceu diretamente vinculado às transformações experienciadas pelo mundo romano republicano. Nesse sentido, a experiência teatral salientou a presença de uma mescla cultural e, no quadro de suas sucessivas expansões, a cena dos teatros se manifestava como um fenômeno importante ao personificar e retratar os sujeitos e os grupos sociais, assim como os acontecimentos republicanos (GRIMAL, 2002, p. 72).

Nessa lógica, Plauto já teve seu nome vinculado tanto com interpretações – já superadas – que o consideravam somente como um reproduzidor dos moldes gregos, quanto com compreensões de sua originalidade e criatividade em face à prática de adaptação de suas obras a partir dos manuscritos gregos. Tratando-se dessa temática, realçamos nossa posição de atribuir originalidade ao teatro plautino. Dispomos de recursos para um conhecimento que investiga e analisa o que o poeta pôde transmitir sobre o mundo romano de seu tempo. Isso nos proporciona a noção da criatividade e originalidade de Plauto, posto que não dependia totalmente dos modelos gregos e produziu algo essencialmente diferente de seus originais. A sua comédia do era feita para os romanos e, portanto, refletia seus interesses e perspectivas. Em resumo, o teatrólogo e a Comédia Romana atuam como a continuidade de tradições – não somente gregas, mas também etruscas e itálicas – e como a renovação do gênero conforme os aspectos culturais romanos.

Ademais, considerando a arte teatral com enfoque em sua atuação enquanto meio difusor de ideias, ressaltamos a comédia com funções que iam além de pretensões cômicas e da finalidade de instigar o riso (ARÊAS, 1990, p. 24). Para mais, o *corpus* plautino desempenhava um papel amplo de relações entre a comédia e a sociedade que representava e na qual estava inserida (GRIMAL, 2002, p. 107). A Roma dos séculos III e II A.E.C., refletindo uma sociedade em fluxo com difundidas interações culturais, confere-nos a apreensão de transformações, em diálogo com os acontecimentos da época, no gênero cômico (CONTE, 1987, p. 4). Em outros termos, mais do que um diálogo com o passado, a conjuntura teatral era refletida de acordo com o seu presente e sua audiência (VON ALBRECHT, 1997, p. 21).

Isso à vista, acentuamos nossa consideração acerca das complexidades existentes por trás dos cenários cômicos. Para além de uma cena fictícia, apreendemos as representações do feminino e do masculino em Plauto e no seio familiar da Roma republicana. Assim, ancorando-se nos instrumentos da Teoria de Gênero, por feminino e masculino, entendemos os papéis

atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 2018, p. 32). Afinal, ao serem construídas cultural e socialmente, as relações de gênero são estruturadas em consonância com o momento e espaço em que são experienciadas. Baseando-se nas relações entre os sexos, compreendemos mais profundamente os padrões dispostos nas organizações romanas. De maneira mais específica, o gênero nos oferece instrumentos para pensar nas formas como as hierarquias, de inclusão e exclusão, constituíram-se no meio familiar (SCOTT, 2018, p. 10).

Em sua essência, a construção do gênero nos possibilita uma contemplação objetiva de referências das personagens da peça *O Mercador*. Posto de outro modo, as vivências masculinas e femininas do cotidiano familiar romano reverberaram e moldaram as representações do teatro. Por sua vez, as personagens, desempenhando o gênero, significam as concepções e construções das relações de poder (SCOTT, 2018, p. 45). Afinal, “as peças latinas foram escritas para audiências cujas perspectivas e expectativas de gênero eram moldadas pela vida em Roma e seus arredores” (DUTSCH; JAMES; KONSTAN, 2015, p. 5).

Tecidas essas considerações, pensamos ser proveitoso tratar brevemente das perspectivas acadêmicas da história da organização familiar romana. Para tal, devemos perceber não somente as tendências mais atuais, mas um desenvolvimento mais amplo, em linhas gerais, da historiografia ao longo do tempo.

A família romana na historiografia

Sem perder de vista o escopo de nosso artigo, ressaltamos a importância de entender a família de Roma com categorias linguísticas propriamente suas. Até mesmo porque não existia uma definição simples de “família” para a cultura romana. Além disso, consideramos que o conceito de lar e família não são categorias evidentes por si mesmas, podendo ter significados diferentes – que muitas vezes precisam ser assimilados nas particularidades de cada contexto. Quando pensamos numa definição mais geral para uma apreensão inicial em concordância com a mentalidade dos romanos,

A familia republicana nocial era uma construção predominantemente legal, a qual consistia em um conjunto de membros precisamente definidos e em uma estrutura universal e imutável de relações de poder. *A familia*, no sentido estrito do conceito, era centrada e literalmente comandada pelo homem mais velho vivo (a definição legal de *pater familias*). Compreendia todos que estavam sob o seu “poder paternal” (*patria potestas*) [...] (HÖLKESKAMP, 2010, p. 122).

À vista de que os significados dos termos romanos nunca coincidiram plenamente com as noções modernas de família, destacamos que – aqui – faremos o uso da palavra “família”

para abarcar grupos de pessoas que possuem relações de parentesco entre si. Nessa lógica, enfim, podemos apreender melhor as bases responsáveis pela imagem da família romana tradicional na historiografia.

Remontando ao século XIX, essa instituição social foi definida como um conjunto de pessoas de diferentes gerações – de uma mesma família – que partilhavam espaços domésticos (GARNSEY; SALLER, 2014, p. 151-153). Nas primeiras décadas do século XX, em face às fontes e à sua composição feita por líderes masculinos das elites da sociedade romana, estudos voltados à prosopografia foram desenvolvidos. Nesse momento, Beryl Rawson (2011, p. 9) colocou como consideraram “histórias e alianças familiares no centro da vida política e social por um longo período, até o século I d.C.” Já em 1930, estudiosos se debruçaram mais diretamente sobre o Império, ampliando os temas que traçavam alianças e o sistema de patronagem (RAWSON, 2011, p. 9).

Pensando em meados do século XX, observamos como as pesquisas sobre a família assumiram uma tendência destoante da presente no século anterior, depreendendo a família como nuclear, ou seja, composta por pai, mãe e filhos. Na década de 1960, seguiram-se análises demográficas específicas e, já na década de 1970, extensivos estudos comparativos. Esses estudos, combinados com outras técnicas, examinaram as análises demográficas e influenciaram as pesquisas seguintes sobre a formação do lar na Antiguidade. O nome do historiador Peter Laslett ganhou destaque nesse momento, especialmente com a obra coeditada *Household and Family in Past Time*, cuja primeira edição data de 1972 (RAWSON, 2011, p. 2). O influente trabalho de Laslett, como nos contou Sabine R. Huebner (2011, p. 74), projetou o caminho para mais análises quantitativas e comparativas da categoria histórica do grupo doméstico, observando a família como um conjunto de pessoas que vivem juntas.

Nesse sentido, o desenvolvimento específico das pesquisas que compreendiam a família como objeto de estudo na História Antiga apareceu focalizado na relação com a vida pública – do meio legal, político e social. Contudo, uma análise apareceu com mais solidez somente nos anos de 1960 e 1970, momento em que houve um aumento de interesse pelo âmbito doméstico. Nessas décadas, como nos informou Ray Laurence (2012, p. 3), direcionando a atenção para o lar, os estudos da família romana foram iniciados por mulheres e embasados pelo pensamento feminista. Diante dessas perspectivas, Rawson (2011, p. 9-10) destacou como as “reflexões feministas da década de 1970 se espalharam por muitas áreas da história social, e houve uma sobreposição considerável entre os estudos de gênero e os estudos de família.” Assim, as pesquisas sobre as mulheres do mundo antigo partiram de uma consideração da

conjuntura familiar, ou seja, da esfera frequente na qual atuavam em significativos aspectos de suas vidas.

Nos primeiros anos da década de 1980, Richard P. Saller e Brent D. Shaw desenvolveram uma análise das homenagens presentes no grande volume de evidências epigráficas de Roma (RAWSON, 2011, p. 3). Direcionando o olhar para os escritos funerários voltados à memória, os especialistas perceberam que as relações familiares mais preponderantes nas lápides eram entre cônjuges e entre pais e filhos. Baseados nessas evidências, concluíram que essas relações marcavam os laços afetivos mais fortes na sociedade romana. Por conseguinte, pensando além da importância dos vínculos emocionais e obrigações, argumentaram que o predomínio da família nuclear na composição do lar seria uma hipótese razoável para o mundo romano. Desde então, “a família nuclear como principal unidade residencial na sociedade romana ocidental encontrou o seu caminho em muitas publicações.” (HUEBNER, 2011, p. 80).

A tendência geral percebida ao decorrer da segunda metade do século XX foi, portanto, sobre a questão da composição dos lares, isto é, das estruturas familiares. Logicamente muitos reagiram à ideia de que o arranjo nuclear sempre fora a norma. De qualquer modo, há uma noção de que a formação da família passa por um ciclo relativamente previsível. Nesse sentido, Suzanne Dixon, em sua influente obra *The Roman Family*, publicada na década de 90, informou-nos sobre como os romanos dificilmente teriam vivido em moradas com a presença de longas linhagens nucleares. Essa percepção marca um importante discernimento, uma vez que nos informa para além dos arranjos familiares da elite política de Roma – a qual poderia, mais facilmente, conviver com parentes de gerações mais velhas. Posto de outra forma, os lares dos romanos mais abastados representam uma realidade parcial e, em linhas gerais, muitos romanos não teriam nem ao menos seus pais vivos quando estavam na idade adulta (DIXON, 1992, p. 7).

Coloca-se, por consequência, uma assimilação da diversidade das relações e das questões estruturais familiares. Aliás, como colocou Michele George (2005, p. 3), essas buscas, “ao invés de resolver a questão da estrutura, complicaram-na ao aumentar nossa compreensão das muitas dimensões da experiência que se enquadram na categoria de ‘vida familiar’, mas para as quais a questão da estrutura tem pouca relevância.” Nesse sentido, destacamos como abordar esse tema, coerentemente, parte de um questionamento particular que vai suscitando perguntas para outros ângulos das investigações. Há, portanto, um grande grau de seletividade nas pesquisas da família, posto que se coloca inviável uma abrangência de todos os aspectos

relevantes dentro do tema. Ainda assim, não perdemos de vista a importância do arranjo nuclear para os estudos da sociedade romana da República.

Desse modo, os conhecimentos da família romana seguiram no século XXI com uma adição cada vez maior de complexidades e nuances sob a temática. Isso à vista, percebemos que, assim como o direcionamento do foco para as mulheres refletiu inclinações sociais e intelectuais contemporâneas à década de 1970, os estudos atuais delineiam interesses mais gerais presentes na sociedade do século em que vivemos. Logo, destacam-se pesquisas dedicadas ao curso da vida, principalmente colocando os mais novos e os mais velhos no ponto central das argumentações. Nessa lógica, pontuamos que, até então, abordagens sobre o curso de vida da família estavam implícitas nas investigações sobre família e casamento (LAURENCE, 2012, p. 5). Somente nos anos mais recentes, portanto, as visões sobre a família passaram a incorporar mais concretamente uma gama mais ampla de famílias e de seus integrantes. Os estudos sobre as classes mais altas e os componentes mais preeminentes dos lares continuam; contudo, agora os enfoques lançam novos ângulos para o papel da família nessas figuras (RAWSON, 2011, p. 9).

Acentuam-se, assim, as possibilidades de análise e interpretação disponíveis nos dias atuais, colocando-as lado a lado com a maior variedade de evidências acessíveis para os estudos da família (RAWSON, 2011, p. 10). Pensando nessas perspectivas, reiteramos como as pesquisas recentes não só atuam em conformidade com novas temáticas, mas também retomam questões largamente abordadas. Por isso a importância de acompanhar, ainda que brevemente, o movimento historiográfico da família em uma escala mais longeva, estabelecendo sobre ela a ideia de que as nuances dispostas no tema podem ser constantemente aprimoradas. Dessa forma, novas implicações acerca das realidades do mundo romano continuam a surgir, tornando esse campo de estudos vibrante e diversificado. Afinal, tanto nas representações quanto na recuperação do cotidiano, a pesquisa da família na antiguidade ainda é fresca e “procura definir sua identidade através da diferença em relação ao que já foi antes, em seu percurso na vida acadêmica.” (LAURENCE, 2012, p. 7).

Posto isto, podemos nos dedicar às considerações acerca da peça escrita por Plauto, na qual percebemos o protagonismo da família em diálogo com noções desenvolvidas acima. Adentramos, finalmente, na análise documental proposta para o presente artigo.

A imagem da família romana no *Mercador* de Plauto

Nas passagens iniciais do Ato I, temos a entrada do jovem Carino. Direcionando-se para a audiência, ele conta como seu pai havia o enviado para uma viagem de negócios. Deparamo-nos com um primeiro traço da temática familiar, a qual permeará todo o argumento da peça. Na cena, Carino começa a relatar para como, enviado por seu pai, deu-se sua partida em viagem como mercador. Tal ação remete à sujeição filial, mais especificamente ao termo *pietas* associado ao significado de cumprimento de ordem por parte do filho em face ao desejo de seu pai, Demifão. Historicamente, o poder do *pater familias*, figura cuja lei romana transformou na dominante dentro do ambiente familiar, aparece abrangendo e cercando todos os outros componentes da casa (MARTIN, 2012, p. 21-28). Em linhas gerais, todas as relações ocorridas dentro do lar eram centradas no regime de poder da autoridade do pai e das obrigações dos integrantes da família para com ele.

Temos a noção de que a maioria das definições dos sistemas de valores romanos que chegaram até nossos dias, concentram-se nos escritos de homens pertencentes aos grupos sociais republicanos mais influentes. Nesse sentido, tratando-se da família e dos padrões familiares, reputamos que os romanos configuravam a sua realidade familiar de acordo com os ideais estabelecidos pelos homens das elites. Podemos, então, começar a pensar nessa realidade a partir da predominância da aristocracia nos moldes do direito. Melhor dizendo, a construção de uma imagem do lar tem suas bases nos ideais e, conseqüentemente, na lei de Roma. De acordo com a visão dos romanos, a instituição familiar atuava como um dos pilares dos seus valores sociais (MARTIN, 2012, p. 21-28).

Os comportamentos relativos ao lar são ainda mais evidenciados em seguida, quando, após divagar ligeiramente sobre a condição complicada dos apaixonados, Carino continua a contar sua história e menciona como seu pai, “quando ultrapassou a idade dos efêbos, não se voltou, como eu, para casos amorosos e para ociosidade, nem teve uma chance, foi firmemente controlado por seu pai.” (Plaut., *Merc.*, v. 61-64)⁴. Destacamos a ênfase na presença do *pater familias*. Temos uma menção ao avô de Carino, isto é, a figura que carregava o posto de *pater* antes de Demifão. A percepção da família aparece envolta por demandas sentimentais e honra através das linhagens. Dialogando com o sistema de valores romanos, a atuação do *pater familias*, concebida como opressora e dominadora, também aparecia como moralmente correta e justa (HÖLKESKAMP, 2010, p. 114).

⁴ Charinvs: sese extemplo ex ephebis postquam excesserit, /non, ut ego, amori neque desidiae in otio /operam dedisse, neque potestatem sibi /fuisse; adeo arte cohibitum esse se a patre (v. 61-64).

O monólogo do jovem continua com uma explanação da vida de Demifão. De acordo com Carino, seu pai havia trabalhado no campo, em uma propriedade de seu avô (Plaut., *Merc.*, v. 65-70). Aprender a família central da peça com a posse de terra, insere-os na lógica de camadas mais abastadas da República. Assim, vislumbramos a imagem de uma família “modelo”: o lar era comandado pelo *pater familias*, o patriarca que cuida de terras pertencentes à sua linhagem há gerações (DYSON, 2011, p. 431). Após a morte de seu avô, Carino conta que Demifão vendeu as terras e investiu em um barco, aspirando enriquecer ainda mais. Podemos vislumbrar a percepção da família aparecendo com sua função econômica acentuada. O aumento das riquezas da família, de fato, deu-se com a utilização da embarcação em comércios realizados nas águas afora. Portanto, ao invés do desgosto que estava causando para sua família, a vida como mercador era o que convinha para Carino (Plaut., *Merc.*, v. 75-80).

Chegamos, então, ao momento em que o caráter da sujeição filial é melhor contemplado:

Carino – Quanto a mim, quando percebi que era detestável para meu próprio pai, e que era motivo de repúdio para quem seria justo agradecer, por mais louco de amores que estivesse, tomei uma resolução e declarei que iria partir em viagem como mercador, se assim meu pai desejasse: minha paixão seria colocada de lado se eu pudesse me submeter e agradecer a ele (Plaut., *Merc.*, v. 79-83)⁵.

O valor da família ressoa na consciência de Carino. Pensando na figura do *pater*, o jovem busca meios de reparar seus erros, submetendo-se aos desejos de Demifão. O dever para com sua família e a prolongação da carreira do pai aparecem como elo familiar: surge um senso de débito para com o membro mais proeminente de seu lar, cuja existência sempre proveu apoio e suporte. Nesse sentido, acentuamos como os vínculos entre pais e filhos eram voltados para a temática da educação. Através da passagem transcrita, percebemos, conforme nos informou Dixon (1992, p. 131), a ideia de uma transmissão da moral. Pontuamos, também a noção da atuação dos descendentes em relação à memória da família. Os filhos homens, particularmente, desempenhavam um papel que resguardava a lembrança de seu pai. Portanto, no seio aristocrático, esperava-se que os filhos seguissem os passos de seus pais, sendo uma personificação direta do *pater* ao imitar seu exemplo (*exemplum*) (BAROIN, 2010, p. 48).

Terminando de narrar sua história, Carino nos informa acerca de como a situação atual fora instigada pelo seu encanto com Pasicompsa, uma prostituta que conheceu em sua viagem

⁵ Charinvs: ego mé ubi invisum meo patri esse intellego /atque odio me esse quoi placere aequom fuit, /amens amansque ut ánimum offirmo meum, /dico esse iturum me mercatum, si velit: /amorem missum facere me, dum illi obsequar (v. 79-83).

como mercador. Ao retornar para seu lar, o jovem trouxe consigo sua amada e ficou receoso quanto às reações de seu pai. Diante desse sentimento, seu escravo, Acântio, ajuda-o contando uma mentira para Demifão. Carino, preocupado, argumenta: “Penso que meu pai não acreditará, se eu disser que a comprei para minha mãe; além do mais, parece-me terrível contar uma mentira para meu próprio pai. Ele não vai acreditar [...]” (Plaut., *Merc.*, v. 207-211)⁶. Quando Carino fala em contar uma mentira para seu pai, sentimos, numa leitura parcial, uma postura de muito respeito para com o pater. No entanto, logo após, o que lhe parece mais urgente é a credibilidade da mentira. Sobretudo, é a paixão do jovem, característica de sua masculinidade, que aparece como estonteante. Assimilamos, sem tardar, uma subversão na ordem posto que, inebriado pela paixão, o jovem deixa de lado seus princípios e deveres para com sua família. Colocado de outra maneira, o comportamento do filho sinalizava as ambivalências entre o idealizado e o real.

Quando somos colocados em face aos pensamentos de Demifão, descobrimos que o *pater* estava perdidamente atraído por Pasicompsa, sem saber que ela é a amada de seu filho. Logo em seguida, seus devaneios são interrompidos com a entrada de Lisímaco, um amigo e vizinho, acompanhado por um escravo (Plaut., *Merc.*, v. 270-275). Lisímaco conversa com seu escravo sobre a castração de um bode. A temática soa como um agouro para Demifão e, diante da situação em que se encontra, ele comenta que “Assim como o bode, temo que minha esposa me castre.” (Plaut., *Merc.*, v. 276)⁷. A despeito da frase ter intenções de provocar o riso, somos colocados na presença de uma cena em que o temor da figura proeminente do lar é devido à sua esposa. A ação feminina consternadora é colocada por Plauto na autoridade da voz masculina.

Outra vez, vemos os valores familiares invertidos, uma vez que a lei romana colocava todos do lar submetidos ao poder (*potestas*) do pai. Além disso, as leis marcavam total controle da figura masculina sobre as mulheres (POMEROY, 1995, p. 150). Logicamente, a situação soa inconcebível e o exagero da frase realça seu sentido cômico, mas a própria escolha plautina pela fala já é de grande importância. Em outros termos, Plauto escolhe deixar um comentário degradante a respeito de um *pater familias*, quanto ao seu relacionamento com a esposa, ser proferido por ele próprio. Na fala seguinte, Lisímaco também demonstra a importância de seu cônjuge, insistindo para que seu escravo não se esquecesse de deixá-la a par de seus afazeres: “Avisar minha esposa que tenho negócios na cidade, para que não me espere; pois hoje julgarei

⁶ Charinvs: Quid faciam? credo, non credet pater, /si illam matri meae me emisse dicam; post autem mihi /scelus videtur, me parenti proloqui mendacium. /neque ille credet, neque credibile est forma eximia mulierem, /eam me emisse ancillam matri (v. 207-211).

⁷ Demipho: quasi hircum metuo ne uxor me castret mea (v. 276).

três casos. Vá e não se esqueça de dizer isso para ela.” (Plaut., *Merc.*, v. 280-283)⁸. A voz continua sendo masculina; contudo, mais uma vez, o comando não parece estar nas mãos de um *pater familias*.

O pai não sabe das intenções do filho e vice-versa. No entanto, o espectador já sabe que aquela mulher se tornou alvo de competição entre os dois. O desejo sexual fala mais alto perante o que desejam, caracterizando a disposição de comportamentos masculinos que colocam, de alguma forma, uma mulher no controle. Os dois começam a disputar Pasicompsa de maneira mais direta. Demifão, mesmo agindo de forma inadequada, espera que seu filho lhe obedeça e, por fim, determina o que seria feito. Carino acaba por obedecer a seu pai, marcando mais uma vez a atuação da sujeição filial.

A situação se desenrola de modo que, a pedido do amigo, Lisímaco cede um espaço para Pasicompsa em sua residência, uma vez que sua esposa, Doripa, estava no campo (Plaut., *Merc.*, v. 515-545). Isto é, a presença da cortesã é possível pela ausência de sua mulher no lar. Tal ação demonstra como Lisímaco se preocupava – seja de modo temeroso ou respeitoso – com Doripa. Além disso, a presença de Pasicompsa no lar de Demifão também não seria bem vista por sua esposa. Algumas das cenas seguintes reforçam essas concepções dos maridos para com suas respectivas esposas.

Na primeira delas, Demifão assume ter se corrompido e comprado Pasicompsa às escondidas. Em suas palavras, caberia aos jovens se preocupar com o que desejavam. Os velhos, por sua vez, já estando na idade mais avançada, deveriam se assentar no ócio (Plaut., *Merc.*, v. 550-555). O próprio personagem, portanto, comenta sobre sua condição ser contrária ao que era esperado. Logo, ele desvia do papel de *pater familias* responsável e preocupado com a imagem da família. Ainda que esteja em contradição com o que era esperado de sua idade e reputação, o breve monólogo do velho homem firma certas normas do gênero masculino. Melhor dizendo, Demifão, completamente seduzido, expressa comportamentos sexuais associados ao masculino quando confere tamanha importância ao prazer carnal que esperava conseguir com Pasicompsa. Ademais, a despeito de demonstrar certa inquietação com relação aos seus familiares, ele expressa um domínio sobre o filho e esposa. Depreendemos a característica dominante, de controle, como parte da imagem do *pater* e do padrão de gênero masculino (GOLDBERG, 2021, p. 58 apud EDWARDS, 1993, p. 12). Percebemos essa dominação, para além da sujeição filial, através das atitudes autodeterminadas que Demifão

⁸ Lysimachvs: uxori facito ut nunties, negotium /mihi esse in urbe, ne me exspectet; nam mihi /tris hodie litis iudicandas dicito. /ei, et hoc memento dicere (v. 280-283).

exibe no decorrer da peça. Por exemplo, por mais que fique apreensivo quanto a descobrirem sobre a prostituta, manifestando receios e não a colocando em sua casa, Demifão ainda realiza a compra e segue com o que desejava.

Logo em seguida, verifica-se outra situação de preocupação por parte de Lisímaco, o qual assevera Demifão a procurar um lugar para a cortesã ficar. Nesse instante, ele sentencia: “ela [Pasicompsa] não ficará em minha casa a não ser hoje. Tenho medo de que minha esposa encontre essa mulher aqui se voltar do campo amanhã.” (Plaut., *Merc.*, v. 586-587)⁹. Novamente, percebemos a preeminência das esposas, cuja caracterização nos reflete a respeitada figura da matrona romana. Ressaltamos novamente a ambivalência entre a lei e o cotidiano: bem como o comportamento do filho, vemos as realidades femininas variando, com mais de um tipo de papel tolerado pela sociedade romana. Afinal, os estudos privilegiavam a figura do *pater* no meio legal. Desse modo, menos atenção foi dada para a posição materna, de modo que, colocada abstratamente ao lado da figura paterna, acabou recebendo uma projeção dos estereótipos autoritários vinculados à ideia do *patria potestas* (DIXON, 2014, p. 43).

Doripa, finalmente, aparece em cena. A matrona, após saber que Lisímaco não iria até o campo, conta para o público que seguira seu instinto feminino, decidindo voltar para casa. Doripa encontra Sira, sua velha escrava, ao retornar para o lar. Observando o altar que estava na frente da casa de seu vizinho Demifão, a matrona pede para que Sira lhe dê o ramo de louro que tinha em mãos, visando prestar honras (Plaut., *Merc.*, v. 670-675). Doripa, então, manda a escrava entrar na residência. Em seguida, suplica para que Apolo “benévolo conceda teu favor, segurança e boa saúde para nossa família e, propício, poupe meu filho.” (Plaut., *Merc.*, v. 680-682)¹⁰. Os pedidos da matrona demonstram preocupação para com sua família. Tal atitude, também esperada por parte da figura do *pater familias*, aparece pela primeira vez de modo sincero. Antes, quando contemplamos Demifão prezar por sua família, entendemos as falas do homem como dissimuladas ao passo em que seriam um meio de conseguir a cortesã que tanto desejava. Enquanto a imagem do *pater familias* não corresponde ao que era esperado de sua posição, a figura da matrona condiz com as expectativas dispostas sobre a mãe. Doripa demonstra cuidado por sua família, abarcando os deveres de mãe e esposa em sinergia com a religião.

⁹ Lysimachus: metuo ego uxorem, cras si rure redierit /ne illam hic offendat (v. 586-587).

¹⁰ Dorippa: Apollo, quaeso te, ut des pacem propitius, /salutem et sanitatem nostrae familiae, /meoque ut parcas gnato pace propitius (v. 680-682).

A escrava Sira, ao descobrir a presença de Pasicompsa, conta para Doripa que havia encontrado uma prostituta dentro de sua casa. Ao ver sua esposa aproximando-se da residência, Lisímaco fica temeroso e, espreitando, escuta Doripa proferir:

Doripa: Nunca houve nem haverá uma mulher mais miserável do que eu, que me casei com tal homem! Ai, pobre de mim, pobre de mim! Eis aqui o marido ao qual você confia sua própria pessoa e as coisas que você tem. Eis aqui o marido ao qual entreguei tanto em dote, apenas para testemunhar essas coisas, para suportar esses insultos! (Plaut., *Merc.*, v. 702-706)¹¹.

Na fala transcrita, apreendemos significativos aspectos que envolvem a matrona romana, aqui representada por Doripa. Primeiramente podemos acentuar como Doripa não mede suas palavras para ofender o marido, após descobrir que Lisímaco colocara uma meretriz dentro de casa. Ao fazê-lo, também expõe ter consciência de sua condição e menciona o dote concedido no matrimônio. Nesse sentido, a matrona marca como levava seu casamento a sério, algo que não era retribuído por seu marido. Ademais, ela acabara de clamar no altar do vizinho, momento em que havia manifestado suas virtudes ao demonstrar preocupação com sua família. De certo modo, percebendo sua situação, a matrona profere palavras de autorrespeito. As cenas seguintes compreendem Doripa firmemente argumentando e questionando Lisímaco. O descontentamento da imponente figura da matrona é explícito. O seu marido continua acuado, balbuciando algumas falas enquanto mente sobre quem realmente era Pasicompsa (Plaut., *Merc.*, v. 720-740).

Após ser desrespeitada novamente, a matrona decreta: “Não vou suportar estar tão mal casada, tendo prostitutas trazidas para minha casa dessa maneira. Sira! Vá até meu pai e peça por mim para que venha até aqui, imediatamente, junto com você.” (Plaut., *Merc.*, v. 785-789)¹². Habitualmente concatenada com os homens que faziam parte da sua vida, a mulher romana sempre estava sob a custódia do *pater familias* – sendo ele seu pai ou seu marido. Tal questão nos situa para além da imagem de Doripa, demonstrando o cotidiano feminino em Roma afetado – principalmente – nas áreas legais de custódia, casamento e herança (PARKIN, 2011, p. 280).

¹¹ Dorippa: Miserior mulier me nec fiet, nec fuit, /tali viro quae nupserim. heu miserae mihi. /em quoi te et tua, quae tu habeas, commendes viro, /em quoi decem talenta dotis detuli, /haec ut viderem, ut ferrem has contumélias (v. 702-706).

¹² Dorippa: Non miror si quid damni facis aut flagiti. /nec pol ego patiar, sic me nuptam tam male /measque in aedis sic scorta obductarier. /Sira, i, rogato meum patrem verbis meis, /ut veniat ad me iam simul tecum (v. 785-789).

Não sabemos o tipo de matrimônio constituído entre Doripa e Lisímaco, todavia torna-se explícita a importância do pai da matrona. Na presença de seu marido, Doripa expõe a autoridade de seu pai como uma forma de resolução para sua condição no casamento. Assim, percebemos uma dependência do pai ser vista junto com a menção ao dote. Nesse sentido, mencionamos brevemente a questão do divórcio. Recorrendo à Dixon (2014, p. 41), voltamos para a ideia de que “a posição de respeito e autoridade da mãe romana emanava, em partes, do poder efetivo que dispunha sobre sua fortuna.” Na tendência padrão de casamento denominada *sine manu*, “a esposa permanecia sob o poder de seu próprio pai (se ele ainda estivesse vivo), e, apesar de seu casamento, ela não recaía sob o poder de seu marido.” (FRIER; MCGINN, 2004, p. 11). Assim, o divórcio poderia ser iniciado pelo pai da mulher se o matrimônio fosse de tal modo (FELTOVICH, 2015, p. 130). Com a eventualidade de um divórcio, o pai da matrona conseguiria reaver o valor do dote (KNAPP, 2013, p. 56). Portanto, ainda que a soberania sobre Doripa estivesse em um homem, apreendemos como ela desafia e exerce influência sobre seu marido, tentando proteger seus próprios interesses.

Em linhas gerais, somos capazes de inferir que a matrona agiu administrando suas relações de maneira favorável a si. Ou seja, numa sociedade em que o controle estava nas mãos dos homens, as mulheres lidavam com o que estava ao seu alcance para conseguir alguma proteção, manejando os limites de seus poderes e de suas influências. Doripa, nessa ótica, utilizou-se de outra figura masculina para deturpar o poder que outro tinha sobre ela. Como personagem enquadrada em categoria de menor prestígio social, suas ações e habilidades de persuasão constantemente atuam subvertendo as ordens vigentes. O discurso feminino, referindo-se, aqui, ao conteúdo e não ao estudo da linguagem, permite-nos um vislumbre de temáticas que eram do interesse feminino. Assim sendo, assimilamos noções “sobre os contextos, propósitos, objetivos e condições de vidas das mulheres, conforme refletidas na comédia romana.” (JAMES, 2015, p. 108).

Encaminhando-se para o final da peça, os padrões do gênero masculino, quanto aos mais novos e mais velhos, tornam-se ainda mais acentuados. Sustenta-se a paixão dos jovens, ao passo em que o comportamento dos velhos é condenado (Plaut., *Merc.*, v. 975-1050). Apreendemos a imagem do *pater familias* ficando ainda mais distorcida com Demifão pedindo a ajuda do filho de seu amigo, Eutico. Após o aparente arrependimento de Demifão, a peça é encerrada com um solilóquio direcionado à plateia:

Eutico: Eu proponho que, antes de ir, formulemos uma lei para os mais velhos, pela qual eles se abstenham e fiquem satisfeitos. Qualquer homem que, tendo atingido sessenta anos, casado ou, por Hércules, solteiro, envolva-se com

prostitutas, com ele nós agiremos dentro da lei: decidiremos que ele é incapaz [...] Daqui em diante, ninguém deve impedir seu jovem filho de amar e ter amantes, desde que o faça dentro dos limites. [...] Além disso, os velhos estão sujeitos a essa lei a partir desta noite. (Plaut., *Merc.*, v. 1020-1030)¹³.

A fragilidade moral do *pater familias* é colocada em destaque, de modo a permitir que a audiência zombe da situação com a finalização da peça em tom jocoso. A fala de Eutico também alicerça nossa interpretação de críticas a Demifão. O pai da família é ridicularizado e suas esperanças de manter relações sexuais extraconjugais terminam punidas através da advertência de Eutico. As realidades sociais encenadas na peça *O Mercador* demonstram uma fraqueza moral dos homens, os quais são repetidamente colocados abaixo da ordem a qual pertenciam no âmbito de Roma. Para tal, Plauto faz o uso da hierarquia familiar, empregando mulheres e filhos como ativamente críticos a percepções que reverberam na sociedade República Romana. A peça plautina é encerrada acentuando a forma como subalternos atuam na transgressão das normas familiares de Roma.

Considerações finais

Plauto, de várias maneiras, subverte a ordem de Roma em suas obras. Aqui, destacamos o uso do meio familiar para tal. O corpo do texto plautino, portanto, pode ser percebido com constantes juízos de valor que reverberam no cenário de Roma. Ainda que as personagens plautinas não sejam reais, elas são moldadas a partir de pessoas da época de Plauto. Projetando parte do social romano em traços teatrais, a própria escolha do que era incluso no argumento do espetáculo era, por si só, aspecto significativo. Assim, conseguimos assinalar o feminino e o masculino correspondendo aos papéis atribuídos às mulheres e aos homens da República Romana. Permeado por uma variedade de possibilidades, o cotidiano complicado da cena familiar pode sugerir que as vivências “em família devem ser vistas como associadas a um sistema de representações que normalizam os papéis de gênero, por exemplo, através da produção da imagem associada ao casal.” (LAURENCE, 2012, p. 6).

A partir das peças de Plauto podemos, portanto, ir além dos panoramas legais, absorvendo amplas informações sobre o contraste entre as leis e as caracterizações feitas para os palcos. Nesse sentido, traçamos limites nítidos entre o cotidiano no lar e a construção pautada

¹³ Evtichvs: Immo dicamus senibus legem censeo, /prius quam abeamus, qua se lege teneant contentique sint. /annos gnatus sexaginta qui erit, si quem scibimus /si maritum sive hercle adeo caelibem scortarier, /cum eo nos hac lege agemus: inscitum arbitrabimur, /et per nos quidem hercle egebit qui suum prodegerit. /neu quisquam posthac prohibeto adulescentem filium /quin amet et scortum ducat, quod bono fiat modo; /siquis prohibuerit, plus perdet clam quasi praehibuerit palam. /haec adeo ut ex hac nocte primum lex teneat senes. /bene valet; atque, adulescentes, haec si vobis lex placet, /ob senum hercle industriam vos aequom est clare plaudere (v. 1020-1030).

na assimetria das relações de poder. As categorias e os conceitos romanos, enfatizando a lei e os elos de autoridade, parecem não harmonizar com as realidades do dia a dia no convívio do lar (HÖLKESKAMP, 2010, p. 135). Em conclusão, perceber a família romana como organização social, em suas individualidades ou coletividades, perpassa uma série de estereótipos engendrados na mentalidade e no direito de Roma.

Fontes utilizadas

PLAUTUS. **The Merchant. The Braggart Warrior. The Haunted House. The Persian.** With and english translation by Paul Nixon. Cambridge: Harvard University Press, v. 3, 1924. (Loeb Classical Library, 163).

Referências

ARÊAS, Vilma. **Iniciação à Comédia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BAROIN, Catherine. Remembering one's Ancestors, following in their Footsteps, being like them: The Role and Forms of Family Memory in the Building of Identity. In: DASEN, Véronique; SPÄTH, Thomas (eds.). **Children, Memory, and Family Identity in Roman Culture.** New York: Oxford University Press, 2010. p. 19-48.

CONTE, Gian Biagio. Part One: The Early and Middle Republics. In: CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a History.** London: The Johns Hopkins Press Ltd., 1987, p. 13-132.

CORREIA, Damares Barbosa. **O Mercador de Plauto:** estudo e tradução. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DIXON, Suzanne. **The Roman Family.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

DIXON, Suzanne. **The Roman Mother.** New York: Routledge, 2014.

DUTSCH, Dorota; JAMES, Sharon L.; KONSTAN, David. Introduction. In: DUTSCH, Dorota; JAMES, Sharon L.; KONSTAN, David (eds.). **Women in Roman Republican Drama.** Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2015. p. 3-13.

DYSON, Stephen L. The Family and the Roman Countryside. In: RAWSON, Beryl (ed.). **A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds.** Hoboken: Blackwell Publishing Ltd, 2011, p. 431-444.

FELTOVICH, Anne. The Many Shapes of Sisterhood in Roman Comedy. In: DUTSCH, Dorota; JAMES, Sharon L.; KONSTAN, David (eds.). **Women in Roman Republican Drama.** Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2015. p. 128-154.

FLOWER, Harriet I. **Roman Republics.** New Jersey: Princeton University Press, 2010.

FRIER, Bruce W.; MCGINN, Thomas A.J. **A Casebook on Roman Family Law.** New York: Oxford University Press, 2004.

GARNSEY, Peter; SALLER, Richard. Family and household. In: GARNSEY, Peter; SALLER, Richard. **The Roman Empire: Economy, Society and Culture.** 2 ed. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2014. p. 151-171.

- GEORGE, Michele. Introduction. In: GEORGE, Michele (ed.). **The Roman Family in the Empire: Rome, Italy, and Beyond**. New York: Oxford University Press, 2005. p. 1-8.
- GOLDBERG, Charles. The old boys' club in the Middle Republic. In: GOLDBERG, Charles. **Roman Masculinity and Politics from Republic to Empire**. London and New York: Routledge, 2021. p. 35-66.
- GRIMAL, Pierre. **O Teatro Antigo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- HÖLKESKAMP, Karl-J. 5: Under Roman Roofs: Family, House, and Household. In: FLOWER, Harriet I. (ed.). **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Cambridge: University Press, 2010. p. 113-138.
- HUEBNER, Sabine R. Household Composition in the Ancient Mediterranean – What Do We Really Know? In: RAWSON, Beryl (ed.). **A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds**. Hoboken: Blackwell Publishing Ltd, 2011. p. 73-91.
- HUNTER, Richard Lawrence. **A Comédia Nova da Grécia e de Roma**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.
- JAMES, Sharon L. *Mater, Oratio, Filia*: Listening to Mothers in Roman Comedy. In: DUTSCH, Dorota; JAMES, Sharon L.; KONSTAN, David (eds.). **Women in Roman Republican Drama**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2015. p. 108-127.
- KNAPP, Robert C. Lives of Their Own: Ordinary Women. In: KNAPP, Robert C. **Invisible Romans: Prostitutes, outlaws, slaves, gladiators, ordinary men and women... the Romans that history forgot**. Great Britain: Profile Books Ltd, 2013. p. 50-85.
- LAURENCE, Ray. Introduction: From *Oikos* to *Familia*: Looking Forward? In: LAURENCE, Ray; STRÖMBERG, Agneta (eds.). **Families in the Greco-Roman World**. London: Continuum International Publishing Group, 2012. p. 1-7.
- MARTIN, Thomas R. **Ancient Rome: From Romulus to Justinian**. New Haven: Yale University Press, 2012.
- PANAYOTAKIS, Costas. Comedy, Atellane Farce and Mime. In: HARRISON, S. (ed.). **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005. p. 130-147.
- PARKIN, Tim. The Roman Life Course and the Family. In: RAWSON, Beryl (ed.). **A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds**. Hoboken: Blackwell Publishing Ltd, 2011. p. 276-290.
- POMEROY, Sarah B. **Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity**. 2. ed. New York: Schocken, 1995.
- RAWSON, Beryl. Introduction: Families in the Greek and Roman Worlds. In: RAWSON, Beryl (ed.). **A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds**. Hoboken: Blackwell Publishing Ltd, 2011. p. 1-11.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 2018.
- VON ALBRECHT, Michael. First Chapter: Conditions of the Rise of Roman Literature. In: VON ALBRECHT, Michael. **A History of Roman Literature**. Leiden: E. J. Brill, 1997, p. 5-48.